REVISTA BRASILEIRA DE DESENVOLVIMENTO E INOVAÇÃO

# ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA POSITIVA: UM ESTUDO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

**Daisy Nunes de Souza**[1]
**Maíra Darido da Cunha**[2]

**RESUMO:** Este trabalho parte de uma perspectiva das relações étnico-raciais e se alicerça em uma Educação Antirracista. Aborda a importância da construção de uma identidade Afro-brasileira e Negra, pautada na valorização da riqueza da diversidade cultural e racial miscigenada. Apesar de já terem passado mais de 20 anos desde a aprovação da Lei nº 10.639/2003, que estabeleceu o ensino compulsório da história e cultura africana e afro-brasileira e, consequentemente, da ERER (Educação para as Relações Étnico-Raciais), a realidade para o desenvolvimento desses temas ainda não é satisfatória. Assim, é preciso reconhecer que, além de apenas cumprir uma imposição legal, é necessário assumir um compromisso e uma postura que demonstrem a percepção da importância do assunto e a compreensão de sua função político-pedagógica como educador e catalisador de transformações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Antirracista; Relações Étnico-raciais; Identidade

# PEDAGOGICAL STRATEGIES FOR BUILDING A POSITIVE BLACK IDENTITY: A STUDY OF ELEMENTARY SCHOOL I

**ABSTRACT:** This study is anchored in the theoretical framework of ethnic-racial relations and is fundamentally grounded in an Anti-Racist Education paradigm. It addresses the critical importance of fostering an Afro-Brazilian and Black identity, predicated upon the valorization of the inherent richness of cultural and racial miscegenated diversity. Notwithstanding the lapse of more than two decades since the enactment of Law No. 10.639/2003, which mandated the compulsory teaching of African and Afro-Brazilian history and culture, and consequently, Ethnic-Racial Relations Education (ERER), the status regarding the implementation and development of these thematic areas remains suboptimal. Accordingly, it is imperative to acknowledge that moving beyond mere compliance with a legal injunction necessitates the adoption of a profound commitment and a stance that demonstrates both the comprehension of the subject's significance and the grasp of its socio-political and pedagogical function as an agent of educational practice and a catalyst for societal transformation.

**KEYWORDS:** Anti-Racist Education; Ethnic-Racial Relations; Identity

## 1. INTRODUÇÃO

A inspiração para esse trabalho acadêmico foi a realização de um projeto na escola municipal Hilda Strenger Ribeiro, onde atuo. Esse projeto, realizado em parceria com outra professora da escola e sob orientação da coordenadora pedagógica, promoveu uma série de ações voltadas à valorização cultural e étnica, entre as ações, a de maior destaque foi o projeto "Conversas com pessoas que nos inspiram". A prática busca valorizar a identidade negra, fortalecer a autoestima das crianças e aproximá-las de referências positivas dentro da comunidade. Dessa maneira, foram realizadas entrevistas com profissionais negros e negras que compartilham suas vivências, histórias de superação e trajetórias acadêmicas e profissionais.

Para uma Educação Antirracista efetiva, que priorize o equilíbrio e a equidade na valorização das diferentes referências étnico-raciais, e todo o contexto histórico em que está inserida, confrontando os estereótipos e modelos exclusivamente eurocêntricos, faz-se necessária a construção de uma identificação positiva e de um repertório de referências negras e afro-brasileiras, que possa servir de modelo e motivação, uma representatividade positiva, que dê base para construção de uma autoimagem e autoestima forte, bem como a aceitação de uma identidade pessoal, social e cultural estruturada na miscigenação.

Se de um lado é preciso compreender a verdadeira história do negro e do racismo no Brasil, por outro lado, é essencial ter referências negras, enquanto modelo de inspiração e motivação para construção da identidade negra e afro-brasileira, reconhecendo referências no âmbito global, grandes personalidades mundiais e históricas, bem como referências de pessoas próximas, exemplos de sucesso na própria comunidade.

Constrói-se, assim, algo tão importante para a identidade que é a noção de pertencimento.

Partindo desse ponto de vista, que salienta a importância do pertencimento e da representatividade no combate ao racismo e outras formas de discriminação, existem ótimos argumentos para defendê-lo. A inclusão e o destaque da população negra e afrodescendente em diversos setores e organizações, são cruciais para lutar contra o racismo.


ISSN: 3085-556X

Contudo, a mera participação e visibilidade não asseguram, por si só, uma representatividade eficaz na defesa das pautas em questão, embora sejam essenciais para o avanço de novas iniciativas de combate ao racismo.

É de suma importância apropriar-se da nossa real história, trazer luz ao processo de miscigenação e clareza quanto ao mito da democracia racial, para construção de relações étnico-raciais pautadas em mais respeito e menos preconceito racial.

A natureza social e histórica do ser humano é dinâmica, e há um consenso entre os estudiosos de que a construção da identidade não é fixa ou estável, mas, ao contrário, histórica e socialmente constituída e sujeita a transformações. Portanto, não é inata e deve ser pensada nos níveis individual, grupal / intergrupal, organizacional e social (Nkomo; Cox Jr., 1999, p. 349).

Muitas vezes, é no ambiente educacional, que as crianças negras começam a formar sua identidade, e é lá que elas têm seus primeiros encontros com o preconceito, a discriminação e o racismo.

A iniquidade racial nas escolas é uma realidade notável na história do Brasil, por ser reflexo do racismo estrutural em nossa sociedade, também deixa lacunas, e uma delas é a ausência de representatividade para a construção de sua identidade de pertencimento.

Nesse cenário, a criança negra tem dificuldade em se reconhecer em seu grupo étnico, já que assumir a identidade negra em nossa sociedade é associar-se a estereótipos negativos.

Segundo Cavalleiro "[...] a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre os negros permitem que as crianças negras neguem sua identidade racial e busquem cada vez mais aproximar-se das características que as aproximam do branco" (2000, p. 25).

A falta de debate sobre esses temas nas escolas gera um aumento de problemas como violência moral, física e social. Isso ocorre porque não se estimula, ou, em alguns casos, as práticas são insuficientes para uma cultura de autoaceitação, na qual o indivíduo se veja como parte de um grupo de valor, sem rótulos de inferioridade ou superioridade, melhor ou pior.

A proposta é educar numa perspectiva de que cada pessoa se construa como um ser igual, independentemente de etnia, raça, crença, valores etc. Este é um compromisso institucional que a sociedade precisa manter, cobrando e garantindo que essa prática democrática e libertadora seja cumprida, especialmente no ambiente escolar.


ISSN: 3085-556X

A intencionalidade é o ponto de partida do professor, já que a intenção é gerar reflexão sobre as questões raciais.

> Outro saber que, na minha atuação educativa-crítica, jamais posso colocar em questão é que a educação, sendo uma experiência tipicamente humana, é um tipo de intervenção na realidade. Uma intervenção que, além da compreensão dos conteúdos ensinados e/ou assimilados, envolve tanto a tentativa de reproduzir a ideologia dominante ou quanto o seu desvendamento (Freire, 1996, p. 98).

Para adotar uma perspectiva de ensino antirracista, é vital que cada educador, primeiramente, possua uma sensibilidade profunda em relação às questões de raça. Necessariamente, a abordagem desse tópico não se dará de forma explícita através de uma disciplina curricular específica, como em aulas de História, Geografia ou de Culturas Africanas e Indígenas. Em vez disso, ela poderá se manifestar por meio da capacidade do professor de observar e intervir em situações de convivência ou de preconceito que possam surgir entre os alunos de distintas origens raciais.

É fundamental que os estudantes sejam o foco da iniciativa antirracista. Para isso, deve-se estabelecer um ambiente de diálogo que os incentive a expressar suas visões sobre as relações raciais. Dessa forma, eles poderão assimilar a relevância de se valorizarem e de valorizarem os outros, especialmente nas situações em que a questão da raça estiver em pauta.

> [...] Nessa perspectiva, quando pensamos a escola como um espaço específico de formação inserida num processo educativo bem mais amplo, encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, regimentos, provas, testes e o conteúdo. Deparamo-nos com diferentes olhares que se cruzam, que se chocam e que se encontram. A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. Sendo entendida como um processo contínuo, construído pelos negros e negras nos vários espaços – institucionais ou não – nos quais circulam, podemos concluir que a identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos [...] (Gomes, 2002, p. 39).

Gerir a diversidade cultural no ambiente escolar é um desafio contínuo para todos os membros da comunidade escolar. Essa tarefa se torna ainda mais importante ao se buscar proporcionar uma participação efetiva com referenciais para estudantes de diferentes etnias e com isso valorizar os conteúdos que discutem a colaboração das matrizes étnicas (indígenas, brancos e negros) que formaram o Brasil, em vez de focar em apenas uma.


ISSN: 3085-556X

Freire (2020) entende que a educação crítica depende do diálogo, e que o diálogo é inconcebível sem a presença do amor. Conforme o autor, "a enunciação do mundo, que é um processo de criação e recriação, não é possível sem o amor que a alicerça" (Freire, 2020, p. 110).

Quando o professor utiliza sua aula como um espaço para discutir as relações étnico-raciais e promover ações antirracistas, especialmente aquelas que reforçam uma identidade negra positiva, ele possibilita aos alunos e a seus familiares uma nova forma de ver e de compreender a história e a cultura afro-brasileira.

A habilidade humana de modificar situações-limite, superando dificuldades que parecem intransponíveis e transformando-as em oportunidades de ação, é um ato de esperança e inventividade que se concretiza somente por meio da conversa e da construção de uma consciência crítica a respeito da realidade (Freire, 2020).

Com a mesma visão de quem supera obstáculos, o professor estimula em seus alunos a capacidade crítica e a vontade de construir uma nova trajetória racial no Brasil, com menos preconceito e mais pertencimento.

A prática pedagógica, focada em promover a identidade étnico-racial negra e afro-brasileira, abre uma porta para que os estudantes se sintam acolhidos em suas características, belezas e modos de expressão, e encontrem meios para construir uma identidade positiva.

Paulo Freire, inspirado em Fanon, ao trazer a ideia de oprimido e opressor, intrinsecamente falando da colonização, além da necessidade de tomada de consciência para que tudo aquilo que fosse exposto seja visto como problema e, sendo problema, exija uma solução, não como uma cura, mas como uma tomada de consciência, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 2005, p. 58).

Isso significa que o oprimido (ou colonizado) tem a oportunidade de transformar a sua própria realidade, e a educação baseada no diálogo é apontada como um dos percursos para essa transformação. Desse modo, pode-se concluir que:

> [...] Neutra, indiferente a qualquer destas hipóteses, a da reprodução da ideologia dominante ou a de sua contestação, a educação jamais foi, é, ou pode ser. É um erro decretá-la como tarefa apenas reprodutora da ideologia dominante como erro é tomá-la como uma força de desocultação da realidade, a atuar livremente, sem obstáculos e duras dificuldades (Freire, 2011, p. 96-97).


ISSN: 3085-556X

Nessa perspectiva, Cavalleiro (2001) também traz suas considerações quanto ao importante posicionamento do educador consciente e engajado do seu papel transformador, e que em sua prática docente:

> Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira; busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar; repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças negros e brancos sejam respeitosas; não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos/as os/as alunos/as; ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica; busca materiais que contribuam para a eliminação do "eurocentrismo" dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de "assuntos negros'; pensa em meios e formar de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial; elabora ações que possibilitem o fortalecimento do auto-conceito de alunos e de alunas pertencentes a grupos discriminados (Cavalleiro, 2001, p. 158).

No entanto, a representatividade que se relaciona com a chegada de pessoas a posições de destaque não é um conceito fácil de entender. Segundo Almeida, ela pode ser vista como resultado do esforço individual, o que traz à tona a discussão sobre meritocracia.

Valorizar e respeitar as pessoas negras, sua ascendência africana, bem como sua cultura e história, é o que o reconhecimento exige. Trata-se de se aprofundar e compreender seus princípios e desafios, demonstrando sensibilidade diante do sofrimento gerado por inúmeras manifestações de desqualificação: apelidos ofensivos, gracejos e anedotas que insinuam inaptidão, ridicularizam suas características físicas, a natureza de seus cabelos e desmerecem as religiões de matriz africana. Implica também estabelecer um contexto no qual os alunos negros não sejam marginalizados pela sua tonalidade de pele, nem desdenhados por seus antepassados terem sido subjugados à escravidão. É fundamental que eles não sejam desencorajados a seguir em frente com a educação nem a investigar tópicos pertinentes à comunidade negra (Brasil, 2004). Almeida sustenta que "[...] não há dúvidas de que a representatividade é um passo importante na luta contra o racismo e outras formas de discriminação" (Almeida, 2019, p. 84).

A frase "Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É preciso ser antirracista!" é atribuída à filósofa, ativista e escritora Angela Davis. Ela é uma figura central na luta pelos direitos civis e é conhecida por sua crítica contundente ao racismo, ao capitalismo e ao sistema prisional. A frase resume a ideia de que a neutralidade diante do racismo não é suficiente para combatê-lo, pois a passividade contribui para a manutenção do status quo. Ser antirracista,


ISSN: 3085-556X

segundo essa visão, exige uma ação consciente e um posicionamento ativo contra todas as formas de discriminação racial. Ela representa o cerne de sua filosofia, que defende um combate ativo e contínuo contra as estruturas racistas, em vez de uma postura passiva de mera "tolerância". É uma ideia que permeia toda a sua obra, mas não é uma frase literal de um livro específico.

A frase se popularizou e se tornou um lema poderoso na luta contra o racismo, justamente por sintetizar a mensagem de Angela Davis de forma tão direta.

> Para algumas pessoas, a existência de representantes de minorias em tais posições seria a comprovação da meritocracia e do resultado de que o racismo pode ser combatido pelo esforço individual e pelo mérito. Essa visão, quase delirante, mas muito perigosa, serve no fim das contas apenas para naturalizar a desigualdade racial. Mas o problema da representatividade não é simples e tampouco esgota nessa caricatura da meritocracia. Não há dúvidas de que a representatividade é um passo importante na luta contra o racismo e outras formas de discriminação, e há excelentes motivos para defendê-la (Almeida, 2019, p. 109).

Segundo Munanga, a retomada da história e da memória coletiva da comunidade negra é relevante não apenas para estudantes de origem negra. Ela também é importante para alunos de outras etnias, especialmente os brancos, já que ao serem educados em um ambiente contaminado por preconceitos, suas estruturas psicológicas também foram prejudicadas.

Além disso, essa história não pertence somente aos negros. Ela é de todos, considerando que a cultura que vivenciamos diariamente é resultado da contribuição de todos os grupos étnicos. Apesar das condições desiguais em que se desenvolveram, cada um contribuiu de forma única para a riqueza econômica e social e para a identidade do país (Munanga, 2022, p. 142).

## 2. METODOLOGIA

Pesquisa realizada com professores da escola pública, localizada no município de Bertioga, no litoral paulista. A escola possui aproximadamente 600 alunos entre ensino fundamental I e educação infantil. Foi realizada uma pesquisa de campo dentro da escola. Tal pesquisa, de cunho qualitativo, teve como objetivo coletar informações sobre os educadores e reflexões quanto à prática docente.

Esse levantamento consistiu em um questionário com seis perguntas de múltipla escolha, voltadas à importância da escola no que se refere à educação antirracista,


ISSN: 3085-556X

representatividade e ações pedagógicas que contribuam para a construção de uma identidade negra positiva.

Dos 25 questionários distribuídos, 16 professores responderam às perguntas, entre eles professores de ensino fundamental e educação infantil. As questões foram elaboradas e aplicadas por meio da ferramenta Google Formulários. As identidades e respostas dos participantes foram mantidas em sigilo.

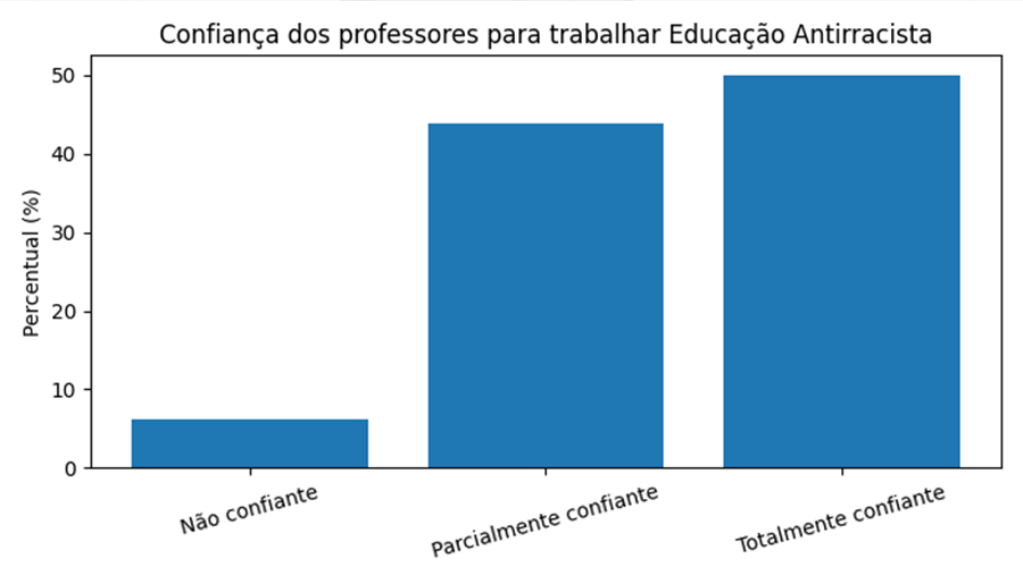
## 3. OS PROFESSORES E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A análise dos dados obtidos na pesquisa contou com a participação de 16 professores da Educação Básica, possibilitando compreender percepções, desafios e práticas relacionadas à Educação Antirracista no contexto escolar.

Inicialmente, os dados referentes à autoconfiança docente para abordar a temática étnico-racial revelam que 50% dos participantes se consideram totalmente confiantes para trabalhar o tema em sala de aula, enquanto 43,8% afirmam sentir-se parcialmente confiantes e 6,2% declararam não se sentir confiantes.

Ao analisar o perfil dos participantes, observa-se que 87,5% possuem mais de 40 anos de idade e que a maior parte apresenta ampla experiência profissional, sendo 62,5% com mais de 20 anos de atuação no magistério.

Figura 1 – Confiança docente para trabalhar Educação Antirracista





ISSN: 3085-556X

Figura 2 – Perfil etário e experiência docente

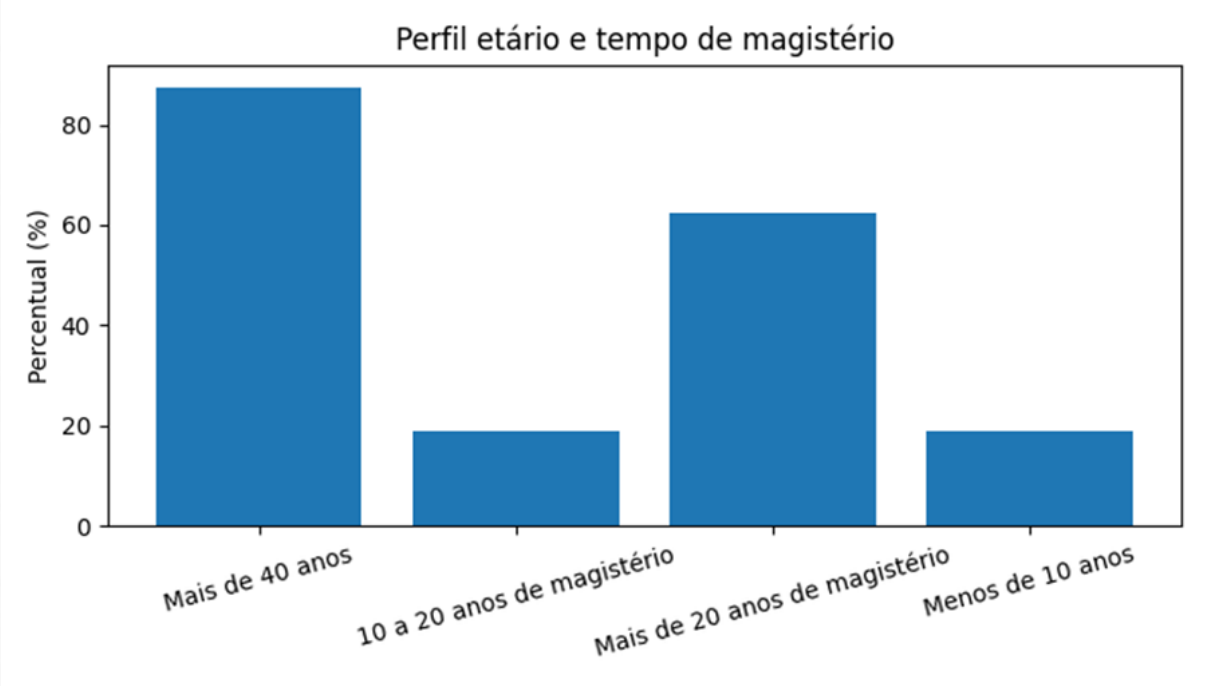
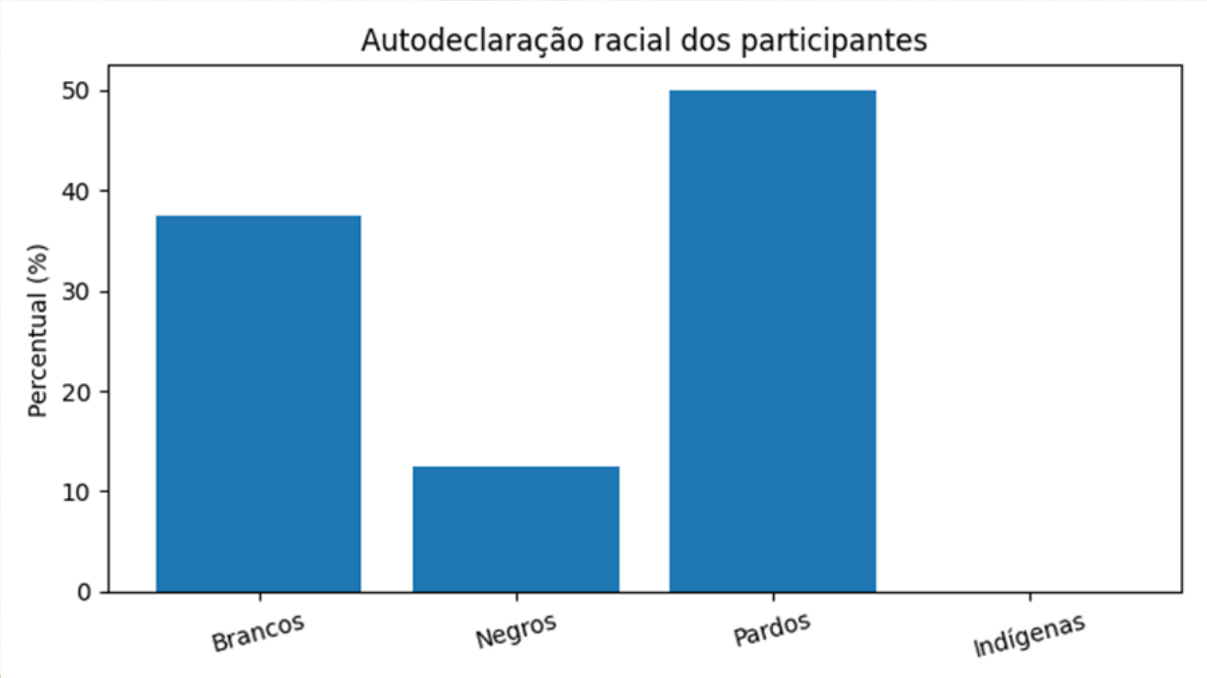



Figura 3 – Autodeclaração racial dos participantes

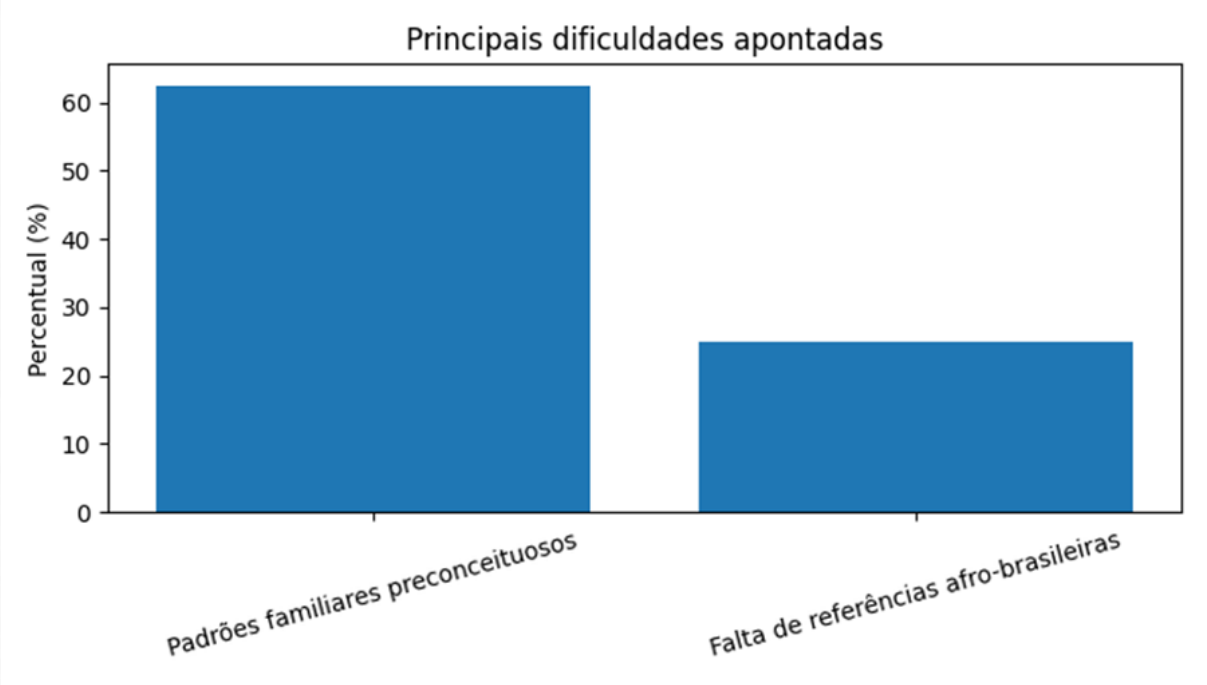




ISSN: 3085-556X

No que diz respeito à autodeclaração racial dos participantes, 50% se identificam como pardos, 37,5% como brancos, 12,5% como negros e nenhum participante se declarou indígena.

Figura 4 – Principais dificuldades apontadas




Entre os principais desafios apontados pelos docentes para o desenvolvimento da Educação Antirracista, destacou-se a reprodução de padrões preconceituosos oriundos do contexto familiar e social, mencionada por 62,5% dos participantes.

Nesse sentido, torna-se fundamental que a escola atue como espaço de valorização da identidade negra, promovendo experiências pedagógicas que fortaleçam o reconhecimento positivo da cultura afro-brasileira e africana. A construção da autoestima, conforme evidenciado na pesquisa, ocorre socialmente e depende da presença de referências representativas, da valorização estética e da criação de ambientes escolares acolhedores e inclusivos.

Quando questionados sobre estratégias prioritárias para o enfrentamento do racismo na escola, 87,6% dos professores destacaram a importância da promoção de ambientes acolhedores, pautados no diálogo e no respeito às diferenças étnico-raciais, sociais e de gênero. Já 12,5% ressaltaram o papel das metodologias ativas no desenvolvimento do protagonismo estudantil e na construção de identidades positivas. Os resultados indicam que os docentes


ISSN: 3085-556X

reconhecem a necessidade de ações pedagógicas contínuas e intencionais, capazes de transformar as relações sociais no ambiente escolar.

Outro aspecto relevante evidenciado pela pesquisa refere-se à necessidade de que as ações voltadas à Educação Antirracista sejam desenvolvidas de maneira permanente e transversal ao currículo escolar. Para 87,5% dos participantes, tais ações devem ocorrer ao longo de todo o ano letivo, e não apenas em momentos pontuais ou diante de conflitos raciais entre os estudantes. Além disso, 75% dos docentes afirmam que o trabalho pedagógico deve incluir biografias, personalidades negras de destaque e diferentes formas de expressão estética afro-brasileira, ampliando as possibilidades de identificação e pertencimento dos alunos.

Entre as práticas pedagógicas já realizadas ou consideradas importantes pelos professores, destacam-se a valorização de personagens negros em posições de protagonismo, a mediação imediata de situações de racismo, o uso de brinquedos e materiais representativos, entrevistas com personalidades negras inspiradoras, rodas de conversa, oficinas e feiras culturais voltadas à cultura afro-brasileira e africana. Tais iniciativas demonstram o potencial transformador das práticas educativas comprometidas com a promoção da equidade racial e da justiça social.

Os docentes também apontaram limitações importantes para a efetivação dessas práticas, como a carência de materiais didáticos adequados, a ausência de espaços formativos para troca de experiências e a insuficiência da formação inicial e continuada relacionada à temática antirracista. Muitos reconhecem que foram formados em contextos educacionais marcados pelo eurocentrismo e pela naturalização de práticas discriminatórias, o que reforça a necessidade de processos formativos voltados à desconstrução do racismo estrutural e à ampliação do repertório cultural e pedagógico dos profissionais da educação.

Conforme destaca André Lázaro, compreender os processos históricos de desigualdade implica refletir sobre o tipo de sociedade que se deseja construir no futuro. Nessa perspectiva, a Educação Antirracista assume um papel central na construção de relações mais democráticas, inclusivas e socialmente justas.

A pesquisa também reafirma a relevância histórica da Lei nº 10.639/2003, marco fundamental para a inserção da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo escolar brasileiro. Entretanto, apesar dos avanços conquistados, ainda são necessários maiores investimentos em políticas públicas, formação docente, divulgação de boas práticas e produção


ISSN: 3085-556X

de materiais pedagógicos que fortaleçam a implementação efetiva da legislação no cotidiano escolar.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa evidenciam que, embora atualmente existam avanços normativos, referenciais pedagógicos e maior acesso à informação por meio das tecnologias digitais, os professores ainda necessitam de apoio pedagógico e formação continuada para atuar de maneira segura e crítica na promoção da Educação Antirracista. Isso ocorre porque muitos docentes foram formados em uma perspectiva eurocêntrica, baseada predominantemente na valorização da cultura branca, reproduzindo historicamente invisibilizações e silenciamentos das culturas africanas e afro-brasileiras.

Dessa forma, torna-se imprescindível promover práticas educativas que valorizem o resgate cultural, histórico e estético da população negra, possibilitando que crianças e jovens construam uma identidade positiva e fortalecida. No Ensino Fundamental, etapa em que as crianças ampliam suas relações sociais e consolidam sua visão de mundo, o fortalecimento do pertencimento étnico-racial revela-se essencial para o desenvolvimento humano e social.

Nesse contexto, o professor assume o papel de articulador, mediador e agente de transformação social. Sua formação precisa contemplar competências interculturais, metodologias ativas e processos de reflexão crítica que favoreçam a descolonização das práticas pedagógicas e o enfrentamento dos estereótipos raciais presentes na sociedade.

Portanto, a valorização das diferentes identidades étnico-raciais deve ser compreendida como compromisso coletivo da escola e da sociedade. Para isso, é necessário superar visões restritas da população negra associadas exclusivamente ao processo de escravização, reconhecendo a riqueza, a contribuição histórica e a potência cultural das matrizes africanas e afro-brasileiras na constituição da identidade nacional brasileira.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, DF: MEC, 2004.


ISSN: 3085-556X

CAVALLEIRO, E. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando a escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996; 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, p. 41-51, 2002.

_____. LÁZARO, A. (org.). **Africanidades brasileiras**: o legado de Petronilha Beatriz. [S. l.]: Fundação Santillana, 2024. p. 11-172.

INDICADORES DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO. **Relações raciais na escola**: antirracismo em movimento. São Paulo: Ação Educativa, 2023. p. 43.

MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD, 1999. p. 15-21. In: SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Cidade**: Educação Antirracista – orientações pedagógicas: povos afro-brasileiros. São Paulo: SME, 2022. p. 142.

NKOMO, S. M.; COX JR., T. Diversidade e identidade nas organizações. In: FACHIN, R.; FISCHER, T. (org.). **Handbook de estudos organizacionais**: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 1999. v. 1, p. 334-360.


ISSN: 3085-556X